

## REDES SOCIAIS DIGITAIS NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE CONEXÃO, PRODUÇÃO DE SENTIDO E APRENDIZAGEM

### SOCIAL MEDIA IN SCHOOL: POSSIBILITIES OF CONNECTION, MEANING- MAKING AND LEARNING

Dorotea Frank Kersch<sup>1</sup>  
Renata Garcia Marques<sup>2</sup>

**Resumo:** *O séc. XXI, com a popularização das tecnologias digitais, demanda novas habilidades de leitura e escrita. O objetivo deste trabalho é analisar como alunos de uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre-RS constroem sentido e negociam quem são ao produzirem um Lip Dub em que destacam aspectos positivos de sua escola. Numa perspectiva interacional de linguagem, os dados são analisados à luz dos novos estudos de letramento. Os dados foram gerados a partir do desenvolvimento de um projeto interdisciplinar, que enfocou diferentes gêneros, um dos quais o Lip Dub. A produção desse gênero exigiu o desenvolvimento de habilidades complexas, além das tradicionais de leitura e escrita. O vídeo foi publicado no Facebook, na fan page do projeto. Essa postagem teve ampla repercussão na rede social digital. Os resultados mostram como as redes sociais digitais podem ser usadas na escola para desenvolver novos e complexos letramentos e aproximá-la da comunidade em que está inserida.*

**Palavras-chave:** *Redes sociais digitais; Gêneros textuais/discursivos digitais; Leitura e escrita.*

**Abstract:** *The 21st century, with the popularization of digital technologies, demands new reading and writing skills. This paper aims to analyze how students from a public school in the metropolitan region of Porto Alegre-RS make sense and negotiate who they are by producing a Lip Dub in which they highlight positive aspects of their school. In an interactional language perspective, data are analyzed in the light of new literacy studies. The data were generated from the development of an interdisciplinary project, which focused on different genres, one of which Lip Dub. The production of that genre required the development of complex skills, in addition to traditional reading and writing. The video was posted on Facebook in the fan page of the project. Such post had wide repercussion in the social networking. The results show how social media can be used in school to develop new and complex literacies and bring it closer to the community in which it is embedded.*

**Keywords:** *Social media; Digital text/discursive genres; Reading and writing.*

## 1 Introdução

Entendemos leitura e escrita como práticas sociais, o que implica compreender que elas são parte dessas práticas. Lemos e escrevemos para fazer coisas no mundo social. Como afirmam Lankshear e Knobel (2007, p. 2), não há prática sem sentido, assim como não há sentido fora da prática. Atuamos nas diversas práticas sociais porque queremos construir

---

<sup>1</sup> Doutora em Filologia Românica pela Christian Albrechts Universität zu Kiel – Alemanha. Professora pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, Brasil, e-mail: [doroteafk@unisinos.br](mailto:doroteafk@unisinos.br)

<sup>2</sup> Mestre em Linguística Aplicada pela Unisinos. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade do Vale do rio dos Sinos (Unisinos). São Leopoldo, Brasil, e-mail: [re.garciamarques@hotmail.com](mailto:re.garciamarques@hotmail.com)

sentido, queremos ser reconhecidos como alguém que faz algo, ou seja, construímos identidades.

Este artigo tem como objetivo analisar como alunos de uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre-RS constroem sentido e negociam quem são ao produzirem um *Lip Dub* em que destacam aspectos positivos de sua escola. Essa peça publicitária é veiculada no Facebook, onde dialoga com ‘o mundo’, construindo o que Pahl e Rowsell (2005) chamam de terceiro espaço, em que os alunos podem trazer para a escola conhecimentos que adquiriram fora dela, escolhendo os elementos de fora da escola para compor essa peça.

O relatório do Fórum Econômico Mundial de 2015, apresentando uma nova visão para educação<sup>3</sup>, chama a atenção para as habilidades necessárias para viver e atuar no séc. XXI: além dos letramentos e numeramento básicos, são necessárias a colaboração, a comunicação, a criatividade, a capacidade de resolução de problemas e de pensamento crítico, bem como qualidades de caráter, como persistência, curiosidade e iniciativa. Para fazer frente às demandas de mercado e da sociedade, as escolas precisam estar preparadas para a formação dos alunos que vão querer entrar nesse mercado mais adiante, e que não sabemos ainda como será. O mesmo relatório chama de *letramentos fundamentais* as habilidades<sup>4</sup> que os alunos precisam para tarefas do dia-a-dia. Entretanto, se saber ler e compreender textos e fazer cálculos básicos era suficiente em outros momentos da história, hoje isso não basta, precisa-se também do letramento científico, digital, literário, financeiro, cultural e cívico, entre tantos outros que o documento não chega a mencionar. Ou seja, se o mundo mudou, a escola precisa acompanhar essa mudança; ler, escrever e fazer cálculos são apenas o ponto de partida para o desenvolvimento dos letramentos necessários para agir socialmente e sobreviver neste século. Isso nos faz concordar com Barton e Lee (2015, p. 17), de que “estamos preparando estudantes para um futuro cujos contornos são, na melhor das perspectivas, nebulosos”. Afinal, a maioria dos empregos tradicionais de hoje provavelmente não existirão quando eles entrarem para o mercado de trabalho. Uma das habilidades que certamente deverá ser desenvolvida para que eles possam se locomover e conectar adequadamente nesse mundo globalizado é o letramento digital (ou letramentos digitais), entendido como um conjunto de práticas sociais letradas que acontecem em ambientes digitais (computadores e dispositivos móveis, redes sociais e web, entre tantas outras plataformas).

---

<sup>3</sup> Disponível em: [http://www3.weforum.org/docs/WEF\\_New\\_Vision\\_for\\_Education.pdf](http://www3.weforum.org/docs/WEF_New_Vision_for_Education.pdf). Acesso em: 05 jul. 2017.

<sup>4</sup> O documento trata de habilidades, noção da qual discordamos. Para nós, letramento é leitura e escrita como práticas sociais, nas quais são mobilizadas competências e habilidades, mas não se reduz a elas. Elas não são neutras, nem isoladas dos contextos em que o indivíduo atua.

Os tempos são digitais, já não lemos e escrevemos como o fazíamos no passado. Nossa leitura e escrita, dependendo do gênero, são diferentes. Aprender a ler e escrever diferentes gêneros pressupõe uma imersão nas práticas sociais em que os participantes/alunos não apenas se apropriem da estrutura do gênero, mas saibam também falar **SOBRE** esses gêneros (desenvolvendo conhecimentos metalinguísticos), desenvolvam certas atitudes e valores sobre eles, e, acima de tudo, interajam socialmente **COM** eles de maneira adequada. Isso estava na base do desenvolvimento do Projeto Interdisciplinar Multimodal *Eu sou João Goulart*, cujos dados são analisados e discutidos neste texto, quando os alunos foram convidados a desenvolver uma campanha publicitária em que fossem destacados aspectos positivos da escola.

Dentro do quadro das mudanças sociais mais amplas que apresentamos brevemente acima, faz-se necessário entender como as novas mídias sociais transformaram as relações entre as pessoas, e, em especial, como essas mudanças atingiram os jovens e se refletiram na sua relação com a aprendizagem e com a escola, e como elas podem ser usadas para a construção de sentidos, como uma prática situada; como vamos levá-los a ler e escrever considerando todas essas mudanças. Todos nós somos confrontados com gêneros *tradicionais* e emergentes, cuja riqueza e variedade, segundo Bakhtin (2003, p. 279), “são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai diferenciando-se e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa”. Para Araújo (2016, p. 54), os gêneros discursivos digitais se reajustam e se reelaboram nos diversos ambientes tecnológicos em que eles circulam. Ao serem incorporados pela *Web*, passam a ter características próprias, acompanhadas de diversos elementos multimodais, que ampliam os recursos e até podem alterar a função social do gênero de acordo com o suporte de veiculação.

Neste artigo, dá-se ênfase ao *Lip Dub* produzido pelos alunos e à repercussão que teve nas redes sociais. O artigo acha-se dividido em cinco partes. Após esta introdução, parte-se para a fundamentação teórica, em que discutimos o que seja ler e escrever neste início de século e o papel das redes sociais, mais especificamente, o *Facebook*, quando usadas para fins educacionais, conectando escola e sociedade, eliminando os limites entre elas. Em seguida, apresenta-se a metodologia usada para a geração de dados e a descrição do ambiente em que se desenvolveu o estudo. Depois, faz-se a análise e discussão dos resultados, para, nas considerações finais, trazer encaminhamentos de estudos futuros.

## 2 Fundamentação teórica

Imersos em uma sociedade conectada, o multiletramento, a multimodalidade e as redes sociais são palavras de ordem para a comunicação que ocorre em rede por meio de diversas linguagens digitais, tecnológicas, midiáticas, linguísticas, multiculturais e híbridas em todos os sentidos na forma de se comunicar. Na era da *Web 2.0*, o usuário da internet tem infinitas possibilidades para desenvolver seu letramento digital, deixando de ser apenas um consumidor de informações para também se tornar um produtor, criando, remodelando, construindo novos significados como usuário e agente transformador. Nesta seção, começamos discutindo o que pensamos signifique ensinar a ler, escrever, produzir sentidos e construir conhecimento no séc. XXI. Em seguida, mostramos como as redes sociais podem ser usadas como espaços de conexão e aprendizagem.

### 2.1 Ler, escrever e construir sentidos em tempos digitais

A sociedade contemporânea é caracterizada como global, fluida e interconectada (JEWITT, 2008). Essas características afetam sobremaneira a forma de nos comunicar, agir socialmente e, conseqüentemente, nossa forma de ler e escrever, já que leitura e escrita acontecem dentro de nossas práticas sociais. Usamos a leitura e a escrita para construir e negociar sentidos no mundo social e agir nele. Como dissemos anteriormente, habilidades básicas de ler, escrever e fazer cálculos já não são suficientes – mas, obviamente, não podemos prescindir delas –, são o ponto de partida para aquilo que precisamos trabalhar na escola hoje, se pensamos em desenvolver cidadãos críticos e ativos. ‘Velho’ e ‘novo’ precisam estar em constante diálogo, tanto na escola como fora dela.

A democratização e as facilidades de acesso às tecnologias digitais muda(ra)m nossas formas de nos relacionar, impacta(ra)m a forma como aprendemos (e ensinamos) e altera(ra)m nossa compreensão do que seja ler e escrever no séc. XXI. Quando falamos de letramentos, não falamos apenas de competências e habilidades, mas de práticas sociais em que essas competências e habilidades são necessárias (e usadas), tanto no impresso quanto no digital. Assim, entendemos que, do mesmo modo que trabalhamos COM gêneros e não apenas sobre eles, assim também usamos a tecnologia, dentro da sala de aula e fora dela, para agir, ‘fazer coisas’. Como falamos antes, a facilidade de acesso às tecnologias digitais e a mobilidade que elas permitem mudaram a forma como nos comunicamos, como nos relacionamos e como aprendemos. Com um aplicativo comum como o *Whatsapp*, por exemplo, nos comunicamos instantaneamente usando imagens, sons, textos, o que era

impossível há menos de uma década. As mudanças sociais têm acompanhado o desenvolvimento tecnológico e essa nova “paisagem textual” (WALSH, 2010), o que, por sua vez, requer atenção da escola. Como afirmamos em outro texto,

A leitura dos textos da internet exige uma boa navegação e boas estratégias de compreensão. Exige que o leitor saiba lidar com hipertextos digitais e com textos que exploram muitos recursos multimodais. Ou seja, o leitor precisa conhecer os mecanismos de navegação pelos ambientes e ter estratégias para fazer uma busca satisfatória das informações que procura. Ele vai lidar com percursos e possibilidades, que vão exigir escolhas e estratégias. Vai encontrar imagens, cores, filmes, fotografias, animações, boxes, banners, formatos e leiautes diversos. Alguns devem ser processados e analisados e outros que podem ser ignorados ou deixados para outro momento. Esses novos tempos pedem também um (novo) professor que não só saiba fazer essas leituras, mas trabalhe com os alunos essas estratégias, desenvolvendo-os a partir do que já sabem. (COSCARELLI; KERSCH, 2016, p. 7)

Se, até há algumas décadas, a palavra tinha a centralidade nos textos, hoje outros recursos, além dela, ajudam na construção dos sentidos. Como afirma Unsworth (2001),

O que os estudantes aprendem sobre multiletramentos e metalinguagem é inextricavelmente interligado com a forma de aprender. Isso, obviamente, é influenciado pela interação de uma multiplicidade de fatores sociais e complexos na sala de aula, na escola, na comunidade e nos contextos políticos e culturais mais amplos. (p. 8, tradução nossa)

O caráter multimodal e as facilidades de acesso às (novas) tecnologias demandam que os conceitos tradicionais de leitura e escrita – fortemente baseados na palavra e no impresso – sejam ressignificados, promovendo um diálogo entre o velho e o novo, uma vez que ser letrado na era digital e do conhecimento é diferente de antes, como vimos discutindo. Ler e escrever são atividades multimodais, o que nos leva a olhar além da palavra. Repensar a leitura e a escrita não se limita, como afirma Jewitt (2005), às tecnologias digitais ou à tela. Para a autora,

sempre há "deslizamentos" e "conexões" entre o "antigo" e o "novo". Como consequência, as concepções de leitura em uma variedade de sites de exibição estão em um processo de mudança. Os recursos multimodais disponíveis para os leitores são fundamentais para repensar o que a leitura é e o que ela pode se tornar em um ambiente de comunicação digital combinado. (p. 327, tradução nossa)

A multimodalidade, todavia, não se restringe à tela e ao digital. Ela está presente na nossa vida, contribuindo para moldar o que dizemos e como o dizemos. Em suma, o bom e

‘velho’ letramento tradicional é ressignificado pelo ‘novo’: ler hoje é também explorar, navegar, pesquisar e selecionar; escrever hoje é também processar, criar, construir e apresentar informação.

Terminamos a reflexão desta seção destacando, pois, o reconhecimento do caráter multimodal dos textos – sejam eles impressos ou digitais – e de como isso impacta a compreensão que tínhamos até recentemente de leitura e escrita. Esse letramento multimodal se refere “à construção de sentido que ocorre por meio da leitura, visualização, compreensão, produção com recursos multimidiáticos e textos digitais, respondendo a eles e interagindo com eles” (WALSH, 2010, p. 213, tradução nossa). Estamos cercados de imagens, sons, movimentos e outros modos de representação e comunicação e, evidentemente, escrita, que é um desses modos, o qual precisa, segundo Jewitt (2005, p. 316), ser “compreendido na relação com os outros modos, aninhados lado a lado” (tradução nossa), ou seja, os diferentes modos estão interconectados e são selecionados pelo produtor, de acordo com seus propósitos, ajudando-nos a fazer a conexão entre o velho e o novo, entre o que fazemos na escola e o que acontece fora dela.

## 2.2 As redes sociais como espaços de aprendizagem e de conexão com o mundo

As redes sociais digitais tornaram-se espaços de conexão, interação, criatividade, autonomia, conhecimento e aprendizagem entre os usuários, os quais têm acesso facilmente às informações na *Web*, escolhem como desejam aprender (tutorial, pesquisas na internet, entre muitas outras formas). No caso específico do *Facebook*, uma rede social criada em 2004, tornou-se o site mais popular com mais de um 1,6 bilhões de usuários ativos atualmente. Em sua plataforma, apresenta diversos recursos para criar páginas pessoais, educacionais, empresariais, comerciais (dependerá do objetivo do usuário). As aplicações do *Facebook*, se usadas nas salas de aula, podem tornar a aprendizagem mais participatória. Falando da natureza integrativa e interativa da leitura e escrita dos textos contemporâneos, Rowsell e Walsh (2011, p. 59) destacam que

Mais de uma década atrás, os e-mails revolucionaram a comunicação, tomando o lugar das cartas, particularmente para adultos no local de trabalho. Agora, a comunicação através de sites de redes sociais como o *Facebook* e várias versões de *blogs*, *wikis* ou *twitters* assumiram o domínio de e-mails para muitas pessoas mais jovens e estão sendo usadas mais por empresas comerciais. (p. 59, tradução nossa).

Comunicando-nos por meio dessas ferramentas, estamos lendo, escrevendo e respondendo de forma assíncrona ou síncrona. Isso mostra que nossos alunos agora exigem um repertório de práticas de letramento, tanto impressas quanto digitais, para seu futuro local de trabalho e vida. Evidentemente, esse trânsito pelas redes sociais digitais faz parte das exigências de leitura e escrita neste século, e este é nosso papel: trabalhar isso na escola, aliando novo e velho, impresso e digital e, com isso, conectando a escola com o mundo. Precisamos, pois, dar um novo sentido ao que seja ler e escrever, considerando a multimodalidade e tudo que a *Web* oferece: navegar, explorar, pesquisar e selecionar informações; em seguida, processar, criar, construir e apresentar informação.

Em comunidades escolares de baixa tecnologia e significativos problemas sociais, as redes sociais permitem o empoderamento e uma sociabilidade muito maior aos jovens com carências sociais, tornando a rede social um espaço para dar voz e visibilidade aos jovens desses contextos. De acordo com Gadea (2015), escolas situadas em bairros com grandes vulnerabilidades sociais evidenciam que os jovens demonstram ter uma sociabilidade muito limitada e fragmentada, pois eles têm dificuldade de circulação pela própria cidade, ficando restritos ao bairro, em função da “âncora de sociabilidade a que o bairro, perversamente, submete, impossibilitando seu movimento pela cidade e a ampliação de sociabilidade territorialmente demarcadas” (GADEA, 2015, p.128). Para o autor, a cultura digital pode incluir esses jovens na sociedade e promover também uma cultura de paz, de convivência e de respeito, desenvolvendo conectividade, circulação de informação, identidade, virtualidade, linguagem digital e expressividade entre os jovens contemporâneos.

Isso reforça o papel da escola, que precisa possibilitar espaços de reflexão para que os jovens criem suas redes de aprendizagem, dialogando sobre os problemas urbanos vividos por eles mesmos, fazendo com que a escola, maior agência de letramento, possa coparticipar da transformação social da comunidade local, contribuindo para a elevação da autoestima de seus membros, sociabilidade, sentimento de pertença e aprimorando novos letramentos digitais (disponibilizados pela *Web 2.0*) que evidenciam sua diversidade cultural e linguística. É o que nos propomos a discutir neste texto.

### **3 Metodologia**

A pesquisa, da qual analisamos apenas uma pequena parte de dados aqui, foi desenvolvida em uma escola da rede municipal de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre-RS, composta por aproximadamente 1400 alunos, localizada em uma zona com significativas vulnerabilidades sociais. A comunidade escolar tinha um problema real: a

desvalorização da escola e a falta de identificação dos alunos com o espaço escolar, o que foi gerador do Projeto Interdisciplinar Multimodal ‘Eu sou João Goulart’, constituído do Projeto Didático de Gênero – PDG<sup>5</sup> Anúncio Publicitário, além de outras quatro peças.

O Projeto teve como objetivo promover espaços de reflexão sobre a relação dos estudantes com a sua escola. Foi desenvolvido com o nono ano, turma composta por 18 alunos, no último trimestre de 2015. Com eles, foi realizada uma campanha publicitária com diferentes peças, veiculadas em toda a escola: o anúncio publicitário impresso e *online* (rede social *Facebook*), as apresentações para as diferentes turmas<sup>6</sup>, o *Flash Mob*<sup>7</sup>, e o *Lip Dub*<sup>8</sup>. Além disso, foi feita a customização de camisetas. O projeto seguiu cinco etapas encadeadas para que todas as peças publicitárias produzissem sentido de forma interligada com o objetivo da campanha: disseminar a ideia de valorização da escola e desenvolver o sentimento de pertença da comunidade escolar. A primeira etapa foi realizada por todos os alunos da turma. As etapas 2, 3 e 4, por grupos de alunos definidos na primeira etapa. A etapa 5, por sua vez, novamente teve a participação de todos os alunos, além de toda a escola. São elas:

1. Compreensão do que é uma campanha publicitária, definição das peças publicitárias e dos grupos responsáveis por cada peça. Nessa etapa, foi desenvolvido o PDG anúncio publicitário
2. Customização das camisetas na hora do recreio para divulgar o projeto;
3. Produção e apresentação do *Flash Mob*, no intervalo dos dois turnos da escola, com o objetivo de lançar a campanha e divulgar as camisetas customizadas “Eu sou João Goulart”.
4. Apresentação do projeto para as turmas da escola no laboratório de informática.

Durante as apresentações, os alunos explicavam o objetivo do projeto, os anúncios

---

<sup>5</sup> Ver Kersch e Guimarães (2012); Guimarães e Kersch (2012, 2014) e Guimarães, Kersch e Carnin, 2015.

<sup>6</sup> Aqui o gênero apresentação foi denominado pelos alunos de “Oficina Interativa”, uma vez que faziam uma apresentação dialogada, procurando engajar os alunos de outras turmas no projeto. De acordo com Costa (2012), o gênero apresentação pode ter diferentes objetivos. No caso da apresentação dos alunos se configura “Exposição oral em que se exhibe, se relata, se dá a conhecer ou se submete algum trabalho, projeto, dissertação, tese, à apreciação de alguém.” (COSTA, 2012, p.39).

<sup>7</sup> *Flash Mob* são aglomerações instantâneas de pessoas em certo lugar para realizar determinada ação inusitada previamente combinada, estas se dispersando tão rapidamente quanto se reuniram. A expressão geralmente se aplica a reuniões organizadas através de e-mails ou meios de comunicação social, notadamente pelas redes sociais digitais. Também é um recurso utilizado como peça publicitária para lançar uma campanha publicitária e captar a atenção do público. ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Flash\\_mob](https://pt.wikipedia.org/wiki/Flash_mob))

<sup>8</sup> *Lip Dub* é um vídeo musical usado também em campanhas publicitárias. Ele visa à participação de um grande grupo de pessoas, procurando espontaneidade, autenticidade e muita diversão com gestos, sincronização labial ao som de um aparelho móvel de reprodução musical, sendo o áudio original repostado mais tarde na edição do vídeo. É um fenômeno que ficou popular a partir da segunda metade da década de 2000, graças à existência de vídeos online como no *YouTube* ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Lip\\_dub](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lip_dub)). Segundo Chaves et al. (2014), o termo *Lip Dub* significa elaborar um videoclipe que tenha em seu formato uma trilha sonora na qual os participantes possam fazer os movimentos labiais (LIP), ou seja, a dublagem (DUB) em sincronia com o áudio.

publicitários produzidos pela turma e o vídeo editado do *Flash Mob*, construindo um espaço de debate entre os alunos da escola e professores.

5. Produção do *Lip Dub*, que finalizou a campanha publicitária e mostrou a escola de forma unida.

Com escolha de gêneros do domínio publicitário, foi possível refletir sobre o estado atual da escola e sobre a importância da sua valorização. Além disso, possibilitou-se o fortalecimento (ou ressignificação) da identidade dos estudantes com a própria comunidade escolar, o que fica evidenciado pelos comentários espontâneos no Facebook, como se verá adiante. Para fins deste artigo, vamos nos fixar no *Lip Dub*, com que se encerrou a campanha.

Na concepção inicial do PDG<sup>9</sup>, ele foi definido como uma proposta metodológica de didatização de gêneros, que tem como diferencial

o fato de ser um projeto, voltado, portanto, para uma sequência de atividades que se realizarão dentro e fora da escola, de forma a garantir que o(s) gênero(s) tratado(s) esteja(m) realmente ligados a uma prática social. Tal prática pode se dar no próprio âmbito da escola (o texto será publicado no jornal, no blog da escola, como pôster na parede, ou servirá para levar ao diretor/coordenador uma reivindicação dos alunos etc.), como pode ir para além dos muros da escola. Neste caso, alia-se a práticas comunitárias (temáticas que dizem respeito ao local onde se localiza a escola: reivindicações do bairro, coleta seletiva de lixo etc.) ou a práticas profissionais (como inscrever-se para um concurso/emprego; carta de recomendação; carta de apresentação para um emprego; curriculum vitae) e até a práticas políticas (debates, encaminhamento de reivindicações, conversa com autoridades). (GUIMARÃES; KERSCH, 2015, p.15).

Essa definição, todavia, está fortemente ligada ao impresso e a gêneros mais convencionais, que já estão presentes há mais tempo na escola (desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1998, por exemplo). Por essa razão, também o PDG se foca(va) sempre em um ou, no máximo, dois gêneros. Quando vamos trabalhar com outros gêneros textuais/discursivos digitais e menos valorizados pela escola, vemos que esse conceito já não abarca toda a complexidade dos gêneros que estão presentes na nossa vida e na de nossos alunos. Uma multiplicidade de modos e de gêneros se entrelaçam para construir sentido, como é o caso do *Lip Dub* que discutimos aqui. Para a produção de um *Lip dub*, é exigida certa complexidade técnica do produtor (trilha sonora, planejamento estratégico,

---

<sup>9</sup> Ver, por exemplo, Kersch e Guimarães (2012); Guimarães e Kersch (2012, 2014) e Guimarães, Kersch e Carnin, 2015.

conhecimento técnico, roteiro, ensaios, filmagem em plano sequência, equipamentos de captação de imagens e sons); sua duração está ligada ao tempo da música.

E o que um *Lip Dub* faz numa aula de língua portuguesa? Onde está a leitura e a escrita que a escola precisa ensinar para preparar seus alunos para o futuro que os espera?

Se vamos tomar a leitura e a escrita da palavra, então elas estão no início da produção do *Lip Dub*, que precisa de um planejamento, ou seja, do gênero ‘roteiro’, peça-chave para a produção de qualquer vídeo. Os alunos e a escola têm uma forte ligação com a dança (há um grupo chamado Explosão da Dança, coordenado por uma professora, desde 2005) e tem uma função social muito importante na comunidade. Além de explorar a arte da dança de rua, o hip hop, eleva a autoestima de seus participantes. O projeto tem lugar no bairro em que se localiza a escola e começou com 12 alunos. Hoje, são mais de 200 participantes. O grupo Explosão é reconhecido por seu talento e é respeitado e admirado pela comunidade local. Apresenta-se em festivais e já ganhou várias premiações no estado e fora dele. A nota escolar é um dos requisitos para se manter no grupo.

Como a ideia era fazer uma campanha publicitária, professora e alunos procuraram a Universidade da cidade, para aprenderem como se faz uma campanha. Do grupo da universidade veio a ideia do *Lip Dub*, logo aceita por eles para encerrar a campanha. Foram orientados que teriam de fazer um roteiro e receberam um modelo para isso.

O roteiro – um gênero pouco presente na escola – é uma espécie de guia, com a descrição minuciosa da sequência de planos, sequências e cenas, com as rubricas técnicas, cenários e diálogos de cada cena. No caso do *Lip Dub*, o roteiro é fundamental. Nele, organiza-se todo o planejamento das ações a serem realizadas durante o videoclipe musical, como a trilha sonora, gravação em plano, sequência, os espaços que serão filmados, as ações dos participantes, o enquadramento (ângulos de filmagens), o figurino, os objetos das cenas, as brincadeiras, a organização temporal das cenas de acordo com o tempo da trilha sonora. O roteiro representa o planejamento estratégico do *Lip Dub*, o qual precisa ser ensaiado previamente para que as gravações ocorram no momento certo. Para sua realização, é necessário formar uma equipe para que os integrantes se responsabilizem por todas as demandas planejadas no roteiro. A gravação ininterrupta (ou com cortes de gravações estratégicos e praticamente imperceptíveis) pode ser considerada o maior obstáculo na produção de um *Lip Dub*, que requer um trabalho em equipe tanto dos produtores quanto dos participantes. No caso em questão, toda a escola foi mobilizada, era necessário que cada um soubesse seu papel, onde devia se postar, o que ou qual movimento deveria de fazer no momento em que fosse filmado, quem faria a transição de um cenário a outro e, acima de

tudo, como se construiria a ideia de que a escola é maravilhosa e que todos a amam. Tudo isso tinha de ser descrito. Foram três dias de filmagens e repetições de cenas. Como se tratava de uma produção coletiva, as tomadas foram recebendo sugestões dos participantes, com o roteiro sendo negociado e construído simultaneamente às filmagens (que depois foram editadas pelos próprios alunos). Na sequência, discutimos o produto final e sua repercussão no *Facebook*, sequer imaginada quando se teve a ideia de produzi-lo.

#### 4 Resultados e discussão

Quais são as habilidades de leitura e escrita que a escola precisa desenvolver com seus alunos no séc. XXI, para que estejam minimamente preparados para um futuro que não sabemos como será? Que gêneros precisam ser objetos de ensino na escola contemporânea para mobilizar essas habilidades? Voltando ao relatório do Fórum Econômico Mundial de 2015 com que iniciamos este texto, além das habilidades básicas (fundamentais) de leitura, escrita e cálculo, requer-se, neste início de século, que os alunos tenham desenvolvidas as capacidades de colaboração, de comunicação, de criatividade, de resolução de problemas e de pensamento crítico. Já Gregory e Burkmann (2005), ao definirem e caracterizarem o letramento inovador necessário neste século, afirmam que

as habilidades inovadoras necessárias são busca de informação e ideias de diferentes fontes; recuperar conhecimento e experiências prévias, fazer questionamentos e então assimilar os dados e desenvolver soluções, opções, processos, produtos e outras possibilidades criativas para servir a um propósito específico ou alcançar um objetivo desejado. Essas habilidades de letramento inovador tornam os alunos capazes de procurar e encontrar respostas para questões do tipo “O que seria se” com que se confrontarão na escola e na vida. (p. 165, tradução nossa)

Ou seja, tanto o mundo corporativo quanto o acadêmico veem na criatividade, na resolução de problemas, na busca da sistematização e apresentação das informações, no posicionamento crítico e na comunicação as principais habilidades que a escola deveria se preocupar em desenvolver. Isso foi experimentado quando foi proposto aos alunos do 9º ano da Escola João Goulart: *O que seria se* fizéssemos uma campanha para divulgar as coisas boas da escola? Muitos letramentos tiveram de ser aperfeiçoados, muitas habilidades mobilizadas e, na sua falta, desenvolvidas (inclusive por parte da professora). A partir do conhecimento prévio dos alunos do que fosse uma campanha publicitária, foram levantadas as possibilidades de peças publicitárias materializadas em quatro gêneros: o anúncio publicitário impresso e *online* (divulgado no *Facebook*), as apresentações para as diferentes turmas, o

*Flash Mob* e o *Lip Dub*. Além disso, os alunos customizaram camisetas (que cada um trouxe de casa) para professores, alunos e funcionários.

#### 4.1 Melhorando a relação com a escola: a produção de um *Lip Dub*

A relação da escola com a dança fez os alunos chegarem ao *Flash Mob* e, finalmente, ao *Lip Dub*, gênero ainda desconhecido para eles. Foi necessário estudar esse gênero, buscando ajuda técnica na universidade. A partir da capacitação recebida na Universidade, os alunos tiveram de tomar as decisões e fazer as escolhas para a construção do vídeo. Aqui têm início as escolhas necessárias para construir o sentido desejado. Nesse momento, o trabalho interdisciplinar e multimodal, na relação com o ensino de língua portuguesa, começou a ser desenvolvido. Ou seja, os alunos estavam diante de um *problema complexo* que precisavam resolver. Para isso, era necessário planejamento, colaboração, comunicação, pensamento crítico, criatividade e, acima de tudo, boa comunicação (não apenas verbal, mas partindo dela). A descrição de cada tomada teve de ser feita no roteiro, bem como a forma de participação de cada um, desde o guarda da escola que abriria o portão quando as filmagens iniciassem, até a participação das turmas, professores e funcionários nas diferentes dependências da escola que seriam mostradas no vídeo.

Nenhum equipamento especial foi usado: foram seis alunos se revezando nas gravações com a câmera da escola e posteriormente fazendo a edição do vídeo. Tiveram a ajuda do professor de Artes e de alguns colegas que se propuseram a ajudar, a partir das apresentações do projeto feitas às turmas, nos momentos que chamaram de ‘Oficinas interativas’, quando conclamaram a escola a participar. O *Lip Dub* é um gênero que envolve criatividade e requer diferentes elementos multimodais dotados de significados, desenvolvendo nos alunos “capital linguístico” e novas habilidades para participar da ordem social na esfera digital e *online* também. A multimodalidade está fortemente presente nesse gênero, pois aglutina diferentes modos em relações dinâmicas de produção de sentido: o modo linguístico (os alunos produziram um roteiro escrito e reescrito pelo grupo, descrevendo sequencialmente cada cena do vídeo); o modo gestual (linguagem corporal, organização dos participantes e orientação de como deveriam se posicionar e se expressar na hora da filmagem); o modo sonoro (escolha de uma música que representasse a mensagem e o objetivo do vídeo); o modo espacial (seleção dos espaços mais significativos da escola para filmar os alunos: laboratório, biblioteca, refeitório, pátio do recreio, a entrada da escola, etc); e o modo visual (imagens que produzissem significados para os interlocutores). Todos esses elementos multimodais foram escolhidos e acionados pelo grupo na hora de produzir essa

peça publicitária, reunindo diferentes elementos, para que, juntos, construíssem significados com e para seus interlocutores.

Como práticas sociais situadas, leitura e escrita são desenvolvidas com um propósito (fazer coisas, agir no mundo): lemos para nos deleitar com um texto literário ou adquirir conhecimento a partir da informação de um texto. Construimos sentido quando decodificamos/compreendemos um texto e depois interagimos com ele, relacionando-o a nossas experiências de mundo e a novas experiências de conhecimento que construimos. Quando escrevemos, temos um propósito, seja criar uma história, registrar nossos pensamentos, apresentar nossas ideias a um leitor ou a uma audiência. Construção de sentido, nas palavras de Rowsell e Walsh (2011, p. 57), “ocorre tanto se usamos textos tradicionais impressos, ou digitais e multimodais, o nível do sentido construído vai variar de acordo com o propósito e o gênero textual” (tradução nossa). É nossa tarefa, portanto, chamar a atenção dos alunos para toda essa complexidade dos gêneros clássicos, novos e emergentes que estão presentes em sua vida.

Em suma, das habilidades que se imaginam necessárias para ler, escrever e agir de forma cidadã no séc. XXI, o trabalho com o gênero *Lip Dub* oportunizou que a escola desenvolvesse com os alunos a habilidade de

- a) escrever um roteiro, com todas as descrições necessárias para orientar a posterior filmagem;
- b) trabalhar colaborativamente: como eles estavam divididos em grupos, cada um ocupado com um gênero/peça publicitária distinto/a, somente por meio da colaboração, o trabalho chegaria a bom termo;
- c) comunicar-se oralmente, por escrito e gestualmente, em todas as fases do projeto interdisciplinar multimodal;
- d) ser criativo: aqui muitas decisões tiveram de ser tomadas para que se chegasse ao melhor resultado;
- e) resolver um problema complexo: tratava-se de uma turma de adolescentes, divididos em grupos, cada grupo encarregado de uma peça publicitária. Todos, sem exceção, chegaram ao produto final;
- f) pensar criticamente: esta habilidade, de certa forma, se relaciona às anteriores, às escolhas e decisões que tiveram de ser tomadas.

O principal objetivo de produzir o *Lip Dub* foi mostrar a escola de uma forma global, unida e alegre, contribuindo para a melhora da sua imagem e da autoestima dos alunos, evidenciando que ela é um lugar onde todos participam de forma direta ou indireta e onde

gostam de estar. Se a construção de sentido varia de acordo com o objetivo que se tem e o gênero textual/discursivo que se utiliza para essa finalidade, a escolha dessa peça pelos alunos é bastante oportuna, pois representa a escola formada por diferentes atores: alunos, professores e funcionários; sua produção está carregada de elementos multimodais, que criam diferentes sentidos para toda a comunidade escolar e até fora dela, como veremos na sequência.

Mas, quando o vídeo ficou pronto, o que aconteceu? Quando se trabalha na perspectiva de PDG, o gênero, após produzido, é devolvido para o lugar onde costuma circular. Um *Lip Dub* circula na mídia digital: televisão, cinema e internet. Nesse sentido, após ter sido criada uma *fanpage* para o projeto, o vídeo decorrente do *Lip Dub*, entre outros relacionados ao Projeto Interdisciplinar Multimodal ‘Eu sou João Goulart’, foi postado nessa página<sup>10</sup> e teve um impacto que nem professora nem alunos imaginaram que teria.

#### 4.2 Ampliando a relação com a comunidade por meio do *Facebook*

Ampliam-se cada vez mais os estudos sobre as redes sociais incorporadas ao contexto educacional<sup>11</sup>. Pensar em redes sociais implica pensar em pessoas conectadas, tecnologias, ferramentas digitais, informações, colaboração, aprendizagens informais e diversos níveis de letramentos digitais (novas práticas de leitura e escrita customizadas/híbridas) que as plataformas dessas redes oferecem aos seus usuários. Rowsell e Walsh (2011) destacam que, em estudo realizado na Austrália, quando os professores fizeram uso de redes sociais, os alunos se tornaram mais participativos e colaborativos. Além disso, “houve maior resolução de problemas quando os alunos investigaram um tópico e depois negociaram a maneira como eles criariam e construíam um produto para demonstrar sua aprendizagem” (ROWSELL; WALSH, 2011, p. 60, tradução nossa). Isso também se pode ver entre os alunos e comunidade da escola João Goulart: o engajamento no projeto fomentou o desenvolvimento da agência dos alunos e oportunizou a mobilização de habilidades além das tradicionais de leitura e escrita do impresso. Saber, desde o início, que os resultados do projeto circulariam para além da sala de aula, mudou a relação dos alunos com o que liam e escreviam.

Ao optar por uma ou mais redes sociais, escolhida por algum motivo, seja pessoal, social, profissional ou educacional, o usuário deseja se sentir um integrante, um membro de

---

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/eusoujoaogoulart/videos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/eusoujoaogoulart/videos/?ref=page_internal). Acesso em: 06 jul. 2017.

<sup>11</sup> Por exemplo, Araújo e Leffa (2016), organizaram obra que reúne textos de diferentes autores os quais discutem o papel das redes sociais como ambientes adequados para a realização de uma diversidade de práticas discursivas.

uma comunidade virtual, motivado a participar dessa rede e interagir com pessoas e ferramentas que a plataforma disponibiliza aos participantes. Afinidades entre os usuários de uma rede e engajamento no problema complexo que precisa ser resolvido levam à formação de comunidades de prática (WENGER, 2001), em cujo seio todos ensinam e aprendem algo, em diferentes momentos de interação (bagagem cultural, tecnológica, linguística, etc.). São novas formas de aprender, ser e estar no mundo *online* e *offline*. Ou seja, as redes sociais digitais também podem ser usadas como redes de aprendizagem. Nelas, as pessoas decidem como querem ou não participar, e criam suas redes sociais. De acordo com Recuero (2009), a interação entre os participantes revela sua rede, “as redes sociais podem ser construídas através de comentários e links” (p. 105), ou seja, a forma como os usuários se expressam, realizam suas postagens, se reconhecem, interagem, dialogam, constroem opiniões evidencia a construção de sua rede social e suas identidades também.

No caso do Projeto “Eu sou João Goulart”, todas as peças que iam sendo produzidas foram sendo postadas no Facebook, recebendo feedback. Nenhuma delas, todavia, teve a repercussão da última peça/gênero, o *Lip Dub*, que fechou a campanha. Postado no dia 19.12.2016, ele tinha como chamada:

E o Lip Dub uniu toda a nossa escola em um vídeo!! Ficou show!!! Mais de 1000 alunos, professores, funcionários e equipe diretiva participaram do LIP DUB! Mostramos nossa escola de um jeito alegre e unido!!E assim vamos começar 2016!! ESTÃO TODOS CONVIDADOS PARA PARTICIPAR DO PROJETO "EU SOU JOÃO GOULART"



**Figura** – Fanpage “Eu sou João Goulart”<sup>12</sup>

**Fonte:** Página do facebook

<sup>12</sup> Disponível em: [https://www.facebook.com/pg/eusoujoaogoulart/videos/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/eusoujoaogoulart/videos/?ref=page_internal). Acesso em: 06 jul. 2017.

O que aconteceu na sequência era sequer imaginado pela professora e pelos alunos, de modo especial os seis que se envolveram direta e intensivamente na produção do gênero: diretamente na *Fanpage* (excluindo-se aqueles feitos a partir dos compartilhamentos dos alunos e professores) foram 2.865 visualizações, 62 compartilhamentos, 91 reações. Os comentários vieram principalmente de ex-alunos:

“Saudades, tive bons momentos, ne amiga [...], tudo de bom”;

“Amoo esta escola”;

“Nossa até bateu uma saudade!!Parabéns belo trabalho, muito lindo!!”.

E também de mães, muitas delas ex-alunas:

“Tenho orgulho em dizer que minhas três filhas estudaram e foram mt bem educadas nesse colégio...Parabéns a vcs que fazem tudo por essa escola.”;

“Lindo vídeo Parabéns foi minha escola e depois dos meus dois filhos”

“Que saudade dessa escola! 🍷🍷🍷 Eu fui e ainda sou João Goulart 🍷🍷🍷”.

Os alunos atuais, mais retraídos, na maioria dos casos, se limitaram a visualizar, compartilhar sem nenhum comentário. Certamente, isso está relacionado a questões identitárias: provavelmente compartilhar e comentar assuntos de escola pode afetar sua imagem junto aos amigos. Mas a interação da escola com a comunidade é clara nesses exemplos que trouxemos: ex-alunos e mães constroem discursivamente sua relação de pertencimento à escola. Interação com o gênero, em alguns casos, também usando recursos multimodais para construir sentido (como é o caso dos *emoticons* e mesmo de alguns sinais de pontuação).

Quando se trabalha com PDG, não se escreve para ser avaliado na escola, mas para agir no mundo. O material produzido, o produto final, precisa circular no espaço que lhe é próprio, interagindo com outros leitores, que não apenas o professor. Foi o que aconteceu com a Campanha Publicitária “Eu sou João Goulart”, desenvolvida no âmbito de um Projeto Interdisciplinar Multimodal. Cada uma das peças/gêneros foi postada na *fanpage* do projeto, para que, numa atitude responsiva ativa, pudesse ser lida, avaliada, comentada, admirada, compartilhada, ou receber qualquer outro tratamento próprio das redes sociais digitais, quando compartilhamos conteúdos.

Barton e Lee (2015) afirmam que a sociedade vive em um mundo cada vez mais mediado pelo texto, um texto que, por sua vez, é multimodal e faz com que os espaços *online* sejam locais importantes de aprendizagem de todos os tipos. Nessa perspectiva, é relevante a escola explorar também as redes sociais digitais como espaços de aprendizagem, conexão e interação. Ao criar a página da escola numa rede social como o *Facebook*, ela se aproxima mais de seus (ex)alunos, fortalecendo a identidade da escola e dos alunos. No caso em

questão, tal ação, somada às potencialidades do dispositivo didático Projeto Didático de Gênero – PDG, aos diferentes letramentos digitais e às diferentes habilidades desenvolvidas, potencializaram o PDG e o Projeto Interdisciplinar Multimodal como um todo, para que se atingissem resultados expressivos e significativos, culminando com a interação além dos muros da escola.

O *Facebook*, uma plataforma da *Web 2.0*, possibilita ampliar o trabalho pedagógico realizado pelo professor de língua materna, trabalhando com gêneros textuais/discursivos digitais vinculados às práticas sociais dos aprendizes, construindo também uma rede de aprendizagem com a comunidade escolar. A rede social digital possibilita criar novas interações entre aluno e escola. Para o professor de língua materna, ela propicia ampliar novos espaços pedagógicos *online* para explorar a linguagem e a aprendizagem como um ato multimodal coeso, linguístico, situado e contextualizado. Obviamente, para atingir bons resultados, o trabalho com a rede social digital dependerá da metodologia e da concepção de aprendizagem do professor, caso contrário, não formará a rede social de aprendizagem, e a ferramenta digital não se sustentará pedagogicamente, pois ficará isolada e não promoverá a interação.

## **5 Considerações finais**

As atividades de ler e escrever no séc. XXI transcendem, como vimos, o limite da palavra; são habilidades múltiplas e complexas que a escola precisa desenvolver hoje com seus alunos. Trabalhar com leitura e escrita, no âmbito de Projetos Interdisciplinares Multimodais, como esse que exemplificamos e discutimos, nos convoca a trabalhar diferentes gêneros, não apenas aqueles que já estão escolarizados. Ao longo do artigo, pontuamos quantas habilidades complexas foram acionadas e/ou desenvolvidas ao longo da execução do projeto interdisciplinar: alunos e professora e demais envolvidos tiveram de tomar decisões diversas (inclusive aos modos que seriam explorados/usados) sobre quando e como escrever e falar, que imagens usar, que partes do conjunto de gravações usar, que música colocar de fundo para construir a coesão multimodal e o sentido que se desejava. Isso nos leva de volta ao início do texto: nestes tempos digitais, novas habilidades são requeridas – colaboração, resolução de problemas, criatividade, capacidade de comunicação, o pensamento crítico, a busca de informação e sistematização.

Ao trabalharmos com gêneros textuais/discursivos que ainda não são comuns na escola, somos levados a (re)pensar vários conceitos (leitura, escrita, texto, gênero e a própria

noção de PDG), uma vez que nem tudo que é característico do impresso está presente também no digital (essa é nossa tarefa futura). Aí entra a reflexão também entre a tradição e a inovação, o velho e novo, que precisam estar em constante diálogo. Discutindo os processos de leitura e escrita na tela, Roswell e Walsh (2011, p. 57) destacam que há três aspectos essenciais que precisam ser considerados quando analisamos as práticas tradicionais da sala de aula e aquelas tornadas possíveis em função da comunicação digital: “a) os processos atuais de leitura e escrita na tela; b) a natureza integrativa e interativa de leitura e escrita com novos textos; c) as mudanças nos modelos de comunicação decorrentes das redes sociais” (tradução nossa). Grandes desafios, portanto, estão à nossa frente se, em nossas aulas de línguas, formos trabalhar além dos limites da palavra e do texto impresso.

Numa perspectiva social de aprendizagem, que considera linguagem como interação, trabalhar com projetos, mais especificamente com PDGs, nos desafia a, cada vez mais, partindo de situações reais do dia a dia dos alunos, diminuir o distanciamento entre escola e comunidade, e promover o diálogo entre o velho e novo, o que nos leva, como professores e pesquisadores, a nos ressignificarmos. No projeto aqui discutido, originado a partir da falta de valorização da escola, foram produzidas peças para refletir sobre esse problema e fazer a comunidade e os alunos olharem com mais atenção para a escola, o que, de fato, aconteceu.

Os alunos, por meio do uso de tecnologias, exploraram a função social dos gêneros que produziram para agir no mundo, evidenciando o novo olhar que desenvolveram em relação à sua escola. A identificação da comunidade com a escola, construída discursivamente na interação no *Facebook*, também fica clara através da sua reação ao vídeo, expressa através de comentários e compartilhamentos e reações/curtidas. O sentimento de pertença foi propagado graças à força da rede social digital, pois cada postagem que recebia comentários, curtidas ou compartilhamentos refletia-se em *timelines* de amigos dos seguidores da página, tornando-se uma postagem visualizada por muitas pessoas, fazendo com que a informação, de alguma forma, chegasse à comunidade local.

Ao oportunizar que os alunos tragam para a escola letramentos e práticas da sua vida cotidiana (no nosso caso, valorizando a dança, que lhes é tão cara, e usando-a para produzir outro gênero – o *Lip Dub*), a escola permite que os alunos atribuam maior sentido àquilo que lhes é ensinado. Se os letramentos de fora da escola são colaborativos, interativos e integrativos, por que aqueles que desenvolvemos na escola precisam ser restritivos, isolados numa caixinha, pasteurizados, distantes da realidade? Aqui está nossa tarefa: promover o diálogo entre essas diferentes visões para promover a mudança, diminuindo a distância entre universidade e escola, e entre escola e comunidade.

## Referências

ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (Orgs.). **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos que aprender?** São Paulo: Parábola, 2016.

ARAÚJO, J. Reelaboração de gêneros em redes sociais. In: ARAÚJO, J.; LEFFA, V. (Orgs.) **Redes sociais e ensino de línguas: o que temos que aprender?** São Paulo. Parábola, 2016, p. 49-64.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015

COSCARELLI, C. V.; KERSCH, D. F. Pedagogia dos multiletramentos: alunos conectados? Novas escolas + novos professores. In: KERSCH, D.; COSCARELLI, C.; CANI, J. (Orgs.). **Multiletramentos e multimodalidade: ações pedagógicas aplicadas à Linguagem**. Campinas, Pontes, 2016, 79-108.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. 3. ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

GADEA, C. A. **Realidade juvenil e violência intersubjetiva em bairros de Porto Alegre**. Contextos, situações e perspectivas. Porto Alegre: Cirkula, 2015.

GREGORY, G.H.; BURKMANN, A. **Differentiated literacy strategies for student growth and achievement in Grades K–7-12**. Thousand Oaks, CA: Corwin Press, 2005.

GUIMARÃES, A.; KERSCH, D. (Org.). **Caminhos da construção: projetos didáticos de gênero na sala de aula de língua portuguesa**. Campinas, Mercado de Letras, 2012.

\_\_\_\_\_. **Caminhos da construção: projetos didáticos de gênero no domínio do argumentar**. Campinas, Mercado de Letras, 2014.

GUIMARÃES, A.; CARNIN, A.; KERSCH, D. (Org.). **Caminhos da construção: reflexões sobre projetos didáticos de gênero**. Campinas, Mercado de Letras, 2015.

GUIMARÃES; A. M. M.; KERSCH, D. F. E então... Caminhos da construção de projetos didáticos de gênero: da comunidade de indagação ao desenvolvimento de professoras(es) e das pesquisadoras. In: GUIMARÃES, A.; CARNIN, A.; KERSCH, D. (Org.). **Caminhos da construção: reflexões sobre projetos didáticos de gênero**. Campinas, Mercado de Letras, 2015, p. 7-28.

JEWITT, C. Multimodality, “Reading”, and “Writing” for the 21st Century. **Discourse: studies in the cultural politics of education**. Vol. 26, N. 3, p. 315-331, 2005.

\_\_\_\_\_. Multimodality and literacy in school classrooms. **Review of research in education**, v. 32, n. 1, p. 241-267, 2008.

LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. Sampling “the New” in New Literacies. In: LANKSHEAR, C.; KNOBEL, M. (orgs) **A new literacy sampler**. Nova York, Peter Lang, 2007.

PAHL, K.; ROWSELL, J. **Literacy and education**. Londres: Paul Chapman Publishing, 2005.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2009.

ROWSELL, J.; WALSH, M. Rethinking literacy education in new times: multimodality, multiliteracies, and new literacies. **Brock education**, v. 21, n. 1, p. 53-62, 2011.

UNSWORTH, L. Teaching multiliteracies in the English classroom. In: \_\_\_\_\_. **Teaching multiliteracies across the curriculum**: changing contexts of text and image in classroom practice. Buckingham: Open University Press, 2001, p. 260-282.

WALSH, M. Multimodal Literacy: What Does It Mean for Classroom Practice? **Australian Journal of Language and Literacy**, v. 33, n. 3, p. 211-239, 2010.

WENGER, E. **Comunidades de prática**: aprendizaje, significado e identidade. Trad. Genís Sánchez Barberán. Barcelona: Paidós, 2001.

Data de recebimento: 5 de julho de 2017.

Data de aceite: 11 de dezembro de 2017.